



**Saussure e o Sentimento: A Forma do Sentimento Lingüístico<sup>1</sup>**  
(*Saussure and The Feeling: The Form of The Linguistic Feeling*)

Alessandro  
Chidichimo\*

*Rappelons-nous que tout  
ce qui est dans le sentiment  
des sujets parlants est phénomène réel*  
Saussure, *ELG*: 185

**Resumo**

Este artigo tem por objetivo analisar o termo sentimento na obra de Saussure. O sentimento é visto pelo autor como aquilo que se liga à enunciação concreta do sujeito falante no emprego e no confronto com a língua. O sentimento da língua é o trabalho do sujeito falante com os jogos de determinação das formas lingüísticas.

**Palavras-chave:** Saussure, Sentimento, Sujeito falante, Língua, Emprego da língua, Forma

**Abstract**

The aim of this article is to analyze the term feeling in the Saussure's work. The feeling is seen by the author as what if binds to the concret utterance of the speaking in the use and in the confrontation with the language. The language of feeling is the work of the speaking with the games of the determinations of the linguistic forms.

**Keywords:** Saussure, Feeling, Speaking, Language, Use, Form

---

<sup>1</sup> O texto desse artigo foi exposto durante o colóquio *Les méthodes d'analyse du discours appliquées à l'histoire des théories linguistiques* organizado pelo Crecreclo (Centre de Recherches en Épistémologie Comparée de la Linguistique d'Europe Centrale et Orientale), da Universidade de Lausanne em Crêt Bérard, de 25 a 27 de setembro de 2008.

\*Doutor em Filosofia da Comunicação e do Espetáculo, Universidade da Calábria, Itália. Università della Calabria, Campus di Arcavacata/Via P. Bucci, 87036, Arcavacata di Rende (CS)/ +39 09844911. E-mail : [alessandrochidichimo@gmail.com](mailto:alessandrochidichimo@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

Por que os falantes sentem que as palavras que eles utilizam para falar são adequadas para aquilo que eles dizem? Onde está pautada sua certeza? Nosso artigo procura responder a estas questões através da análise do termo *sentimento* na obra de Saussure. Nós vamos tentar compreender o emprego do termo por Saussure e olharemos o sentimento não como algo indefinido, um sentir vago e sem nenhuma possibilidade de definição e colocado em relação com a atividade locutória do falante, mas ao contrário como algo que está ligado às enunciações concretas. Nossa análise terá como consequência pesquisar qual é a condição do sujeito falante registrado no ato de fala. Segundo nós, no paradigma saussuriano, uma determinação do sujeito falante não pode ser pensada sem levar em consideração a presença constante do emprego da língua.

## O SENTIMENTO NOS TEXTOS SAUSSURIANOS

A história do trabalho científico de Saussure é também caracterizada pela pesquisa constante de uma terminologia satisfatória para expressar, da melhor maneira possível, a teoria lingüística que ele procurou definir durante toda a sua vida. A necessidade terminológica estava marcada pela consciência das inovações teóricas de suas idéias em relação à lingüística e, portanto, pela vontade de Saussure de encontrar as palavras para ajudar, a ele mesmo em primeiro lugar, a compreender todas as consequências dessas idéias, para não deixar nenhum lugar à ambigüidade e, enfim, para mudar a direção em relação à lingüística de sua época<sup>2</sup>.

No que concerne a esta utilização do termo *sentimento* em Saussure há diferentes níveis de consideração. O primeiro é filológico<sup>3</sup>. Durante os três cursos de lingüística geral entre 1907 e 1911, mas também nos escritos precedentes datando do

---

<sup>2</sup> É, por exemplo, suficiente considerar que os termos *significante* e *significado* são entradas que fazem parte, nesta forma, do léxico teórico saussuriano somente durante a lição de 19 de maio de 1911, que corresponde à última parte do terceiro e último curso de lingüística geral de Saussure.

<sup>3</sup> Com efeito, todas as vezes que discutimos Saussure, nós somos obrigados a declarar as escolhas dos textos utilizados, ou as edições de referência. Isso em razão da difícil história editorial dos textos saussurianos, mas também para se dar a possibilidade de seguir a evolução e as ramificações da terminologia utilizada por Saussure ligada ao contexto geral de sua teoria.

período entre seu retorno à Genebra em 1891 e o projeto do livro *De l'essence double du langage*, Saussure se serviu várias vezes do termo *sentimento*. Em particular<sup>4</sup> no *Essence double du langage* há somente uma ocorrência, mas nos outros documentos, por exemplo, nos *Autres écrits de linguistique générale* contidos nos *Écrits* da edição Gallimard<sup>5</sup>, nós reencontramos diversas ocorrências (p. 184-187, 193, 195, 196, 236). Da mesma maneira há várias ocorrências no primeiro curso (ver p. 48 inteira, 72-73, 78 duas vezes, 79, 81 duas vezes, 88 inteira, 95-96), somente três ocorrências no segundo curso (p. 24, 61, 63) e enfim somente duas ocorrências no terceiro curso, mas sem uma implicação epistemológica relevante<sup>6</sup>.

L'essence double du langage (1894/1895 De Mauro) Ed. ELG	p. 50	Variação do sentido, unidade do signo
Autres écrits de linguistique générale (1891-)Ed. ELG	p. 184-187, 193, 195, 196, 236	Mudança, morfologia, Analogia
Premier course (1907 Riedingler) Ed. Komatsu 1996	p. 48, 72-73, 78 duas vezes, 79, 81 duas vezes, 88, 95-96	Mudança, analogia
Deuxième course (1908-1909) Ed. Komatsu 1997	p. 24, 61, 63	Mudança, analogia
Troisième course (1910-1911 Constantin <sup>7</sup> ) Ed. CFS 58, 2005 [2006]	p. 312, 365	(Uso comum do termo)

Nesse esquema você encontrará os lugares e os contextos em que Saussure utiliza o termo sentimento nos diferentes textos.

Algumas vezes a palavra *sentimento* não tem, com efeito, valor epistemológico, mas a maior parte do tempo parece explicar a dinâmica do sujeito falante individual com a *língua*, que permanece sempre coletiva, mas que é submissa às mudanças

<sup>4</sup> Assinalamos aqui somente as ocorrências significativas e não aquelas de utilização comum – mas essas últimas são verdadeiramente em pequeno número.

<sup>5</sup> Mas já publicado em Engler na edição crítica do *Cours de linguistique générale* (cf. ENGLER, 1967/1974).

<sup>6</sup> N.T.: Optamos por manter neste artigo as citações das obras de Saussure em francês, tal qual o autor deste artigo as empregou. Desse modo preservamos as fontes consultadas já que nem todas elas estão traduzidas em português.

<sup>7</sup> As referências a Constantin serão daqui em diante indicadas por C.

introduzidas pela *fala*, que é ao contrário sempre individual. O termo sentimento é com efeito utilizado por Saussure quando ele fala de mudança, mutação, ruptura e manutenção das unidades. Do lado filológico nós devemos também considerar a razão pela qual, na evolução dos escritos saussurianos, o termo sentimento desaparece em certo momento. É possível que essa mudança, essa escolha terminológica esteja ligada à evolução das considerações no que concerne à teoria lingüística saussuriana e, além disso, na consideração dos cursos, a necessidades ligadas à didática<sup>8</sup>. Assim mesmo, o desaparecimento do termo sentimento no terceiro curso coincide com um ponto de vista diferente sobre o indivíduo – não mais como uma pessoa só, mas já como uma entidade plural<sup>9</sup>.

Em relação ao falante, no primeiro curso Saussure declara explicitamente se colocar do ponto de vista do falante como se ele fosse individual<sup>10</sup>, mas somente por uma razão didática, para simplificar a lição. É a mesma razão, superficialmente e numa primeira leitura, por exemplo, pela qual Saussure afirma que a *fala* é social, e a *língua* é individual:

Cette opposition de langue et de parole <qui> nous est mise <ici> dans le main, cette opposition est très importante par la clarté qu'elle <jette dans> l'étude du langage. Un moyen de rendre particulièrement sensible et <observable> cette opposition c'est d'opposer langue et parole dans l'individu (le langage est social il est vrai mais pour nombre de faits il est plus commode de le rencontrer dans l'individu). On pourra alors distinguer presque tangiblement ces deux sphères : langue et parole :  
Tout ce qui est amené sur les lèvres par les besoins du discours et par une opération particulière : c'est la parole.

<sup>8</sup> “Rappelons que Saussure doute, et particulièrement à l'époque des cours de linguistique générale, il ne fait que peaufiner sa théorie au fur et à mesure des nouvelles découvertes. Cela veut dire que la matière du premier cours n'est pas la même que celle du deuxième cours et encore moins semblable à celle du troisième cours. Par exemple, concernant la distinction langue/parole, Saussure a dit dans le premier cours l'exact contraire de ce qu'il affirme quatre ans plus tard dans le troisième cours, ce qui s'explique par un changement de perspective et par une théorisation déterminée, choisi seulement en 1911” (MEJIA, 2005: 52). Além disso, devemos destacar que há diferença entre as notas pessoais e as lições destinadas aos alunos: as primeiras sem nenhuma dúvida pertencem a Saussure; a propósito das segundas nós não podemos ignorar as necessidades da didática e a possibilidade das más interpretações: “Je me trouve placé devant une dilemme : ou bien exposer le sujet dans toute sa complexité et avouer tous mes doutes, ce qui ne peut convenir pour un cours qui doit être matière à examen. Ou bien faire quelque chose de simplifier, mieux adapté à un auditoire d'étudiants qui ne sont pas linguistes. Mais à chaque pas je me trouve arrêté par des scrupules” (GAUTIER, 2005: 69. Cf. também GAMBARARA, 2005a.)

<sup>9</sup> É propriamente, com efeito, nesse curso que Saussure fala de “intelligence collective” (cf. GAMBARARA, 2005b).

<sup>10</sup> Para estudar a língua há a necessidade para Saussure de se colocar do ponto de vista do falante. Mas devemos considerar que há uma diferença entre pensar o falante na utilização da língua e fazer a experimentação de vê-lo na sua relação com a língua, mas sem a coletividade. É esse segundo caso em nossa opinião que Saussure examina aqui.

Tout ce qui est contenu dans le cerveau de l'individu, le dépôt des formes 'entendues et' pratiquées et de leur sens : 'c'est' la langue (SAUSSURE, 1907: 65, R I).

Mas ainda, no que concerne a uma possível *língua* individual, independentemente do contexto didático, Saussure pensa na representação da *língua* no falante. A condição que o levará a considerar a imagem da *língua* nos falantes singulares como uma parte da imagem total da *língua*, mas não suficiente para completar a *língua*, que é sempre coletiva<sup>11</sup>. Saussure, então, fala da língua individual, mas num ponto de vista diferente que a possibilidade de considerar a língua como uma linguagem *ad privatim*. Se ele fala da *língua* individual, da imagem que cada falante tem da *língua*, esta imagem não deve ser pensada como um depósito, ou como algo estável. Parece que os falantes não utilizam um acúmulo de formas lingüísticas presentes no cérebro – as formas que estarão prontas para uma utilização pelos falantes como se se tratasse de instrumentos materiais. Os falantes são ao contrário capazes de reanimar e recompor as formas lingüísticas utilizadas segundo os momentos nas diversas situações discursivas e de emprego da língua. É a capacidade própria dos falantes de ter uma prática das formas. A imagem da língua nos falantes é então alguma coisa que é sempre colocada em discussão através dos diferentes empregos. A discussão está sempre aberta entre a língua e o sujeito. A representação da língua no falante então, é temporária e ligada aos deslizamentos das relações entre os signos e a interação dos falantes nos jogos de signos<sup>12</sup>.

#### “O SENTIMENTO DA LÍNGUA” E “O SENTIMENTO DO SUJEITO FALANTE”

Um segundo nível de consideração está ligado aos diferentes empregos do termo *sentimento*. Saussure se serve de *sentimento* referindo-se aos *sujeitos falantes* ou à *língua*. As duas maneiras diferentes marcam dois pontos de vista diferentes para olhar o mesmo problema. Naquilo que concerne ao sentimento do sujeito falante é o conhecimento da língua pelos sujeitos falantes que está em jogo e ao mesmo tempo é o trabalho dos pesquisadores que olham a *língua*. Para Saussure, com efeito, se alguém quer conhecer o funcionamento das línguas, ele deve se colocar do ponto de vista dos

<sup>11</sup> “Cette chose bien qu'intérieure à chaque individu est en même temps bien collectif, qui est placé hors de la volonté de l'individu ; 1 + 1 + 1..... = 1 (modèle collectif)” (C, 308a).

<sup>12</sup> À luz da noção de *jeu des signes* em Saussure, cf. Russo CARDONA (2008b, no prelo).

sujeitos falantes para procurar penetrar o estado da língua do falante que fala uma língua histórico-natural.

Esta consideração implica o fato de que a *língua* estudada pelo lingüista não deve ser uma *língua* abstrata, ou o produto de uma análise empregando comparações a partir de línguas antigas, que ninguém fala para examinar as línguas atuais:

Cette morphologie-là est, au fond, détestable. Elle est directement contraire à notre principe: elle ne s'appuie plus sur le sentiment de la langue. Et par conséquent, elle ne répond à aucun fait du langage (ELG:195)

Com efeito, Saussure pensa que a língua que deve ser estudada é a língua empregada por todo mundo no dia-a-dia e não uma língua que ninguém fala mais.

O sentimento da *língua* oferece um ponto de vista constituído pelas relações entre formas que produzem o sistema *língua*. Somente sobre a base das formas presentes num estado de língua, numa região do sistema lingüístico estratificado e seccionado pelos diferentes atos de fala, que: “la langue ne jugeant jamais que par les formes” (ELG: 185). E por exemplo : a palavra “helicóptero” ou “internet” não está no estado de língua de Júlio César durante seu assassinato – seria verdadeiramente inacreditável se César dissesse: “Tu, quoque hélicoptère!” ou ainda “Tu, quoque internet!”. Sentimento, com as duas diferentes acepções postas em paralelo exige que limitemos o indivíduo tomado no ato de *fala* momentâneo. Com efeito, o falante saussuriano não tem a possibilidade de ter conhecimento de todas as relações do sistema lingüístico. De outro lado, para o sentimento da *língua* há um ponto de vista diverso, criado pelas relações entre formas que constituem o sistema *língua* e se organizam em diferentes regiões do sistema, há a limitação do sistema, das relações negativas e diferenciais da *língua*: “la langue a le sentiment de leur [des éléments] sens logique, de leur ordre” (SAUSSURE, 1907: 96, RI).

O ponto de encontro entre o sujeito e a *língua* em relação ao sentimento se verifica quando Saussure fala da realidade da *língua*. A realidade é sempre a mesma, mas há ainda dois pontos de vista diversos. Se nós consideramos a perspectiva do sujeito, a ontologia lingüística saussuriana parece marcada por uma positividade em virtude da noção de sentimento: “Tout ce qui est dans le sentiment des sujets parlant est phénomène réel” (ELG: 185). Mas se estamos sob a ótica do sistema, então há ainda somente diferença, sem fenômeno positivo: “Comme il n’y a aucune unité (de quelque

ordre et de quelque nature qu'on imagine) qui repose sur autre chose que des différences, en réalité l'unité est toujours imaginaire, la différence seule existe" (ELG: 83).

O momento no qual há o encontro entre a ilusão da objetividade das palavras utilizadas pelo falante, e a ausência do corpo da *língua*, é o momento do emprego no ato de fala onde as formas lingüísticas se encarnam. Esta encarnação é própria de todos os estados de língua, de todos os atos de *fala*: "Un état de langue n'offre à l'étude du linguiste qu'un seul objet central : rapport des formes et des idées qui s'y incarnent" (ELG: 86). É o emprego que é fundamental para o *sentimento* e a *vida da língua*. Com efeito, mesmo que Saussure fale do *sentimento dos sujeitos falantes* ou do *sentimento da língua*, Saussure utiliza a palavra *sentimento* sempre que ele fala de alguma coisa em relação a mudança lingüística. A mudança lingüística representa também o momento em que a *fala* é o protagonista do fato lingüístico. Para Saussure é o emprego que dá uma forma à realidade da língua: "Un mot n'existe véritablement, et à quelque point de vue qu'on se place, que par la sanction qu'il reçoit, de moment en moment de ceux qui l'emploient" (ELG: 83). Da mesma maneira nós não podemos pensar em uma língua abstrata nunca utilizada. Com efeito, Saussure pensa o aspecto pragmático do fenômeno lingüístico na consideração do sistema das formas<sup>13</sup>: "Nous n'établissons aucune différence sérieuse entre les termes *valeurs, sens, signification, fonction* ou *emploi* d'une forme, ni même avec *l'idée* comme contenu d'une forme; ces termes sont synonymes" (ELG: 28). Ou ainda:

FORME. – N'est jamais synonyme de figure vocale ;  
- Suppose nécessairement la présence d'un sens ou d'un emploi.  
(ELG: 81)

Se a língua deve ser falada, utilizada para ser real e em consequência para ser estudada pelo lingüista, então para Saussure uma distinção entre o sistema fixo e homogêneo e a pragmática do discurso nunca existiu. O fenômeno lingüístico saussuriano é um fenômeno complexo e heterogêneo, onde os diferentes aspectos (*língua, fala, faculdade da linguagem*) são todos necessários. Então a *fala*, que pode

---

<sup>13</sup> Mas pela totalidade do sistema saussuriano nunca é possível pensar uma expulsão do aspecto pragmático.

parecer uma simples execução, tem necessidade da *língua*, mas é ao mesmo tempo essencial para a língua.

## SENTIMENTO, MUDANÇA, ANALOGIA

O emprego e a mudança lingüística representa o terceiro nível onde nós encontramos o *sentimento*. A propósito da mudança para Saussure na *língua* há dois tipos: fonética e analógica. Essas duas mudanças estão sempre presentes na *língua*. A mudança fonética é uma condição que nós podemos chamar mecânica. Ela está ligada à erosão e à desagregação da *língua* pelo emprego contínuo das palavras nos falantes. Ao contrário, a mudança analógica age na direção oposta da mudança fonética:

Le résultat le plus général du changement phonétique est une action différenciatrice, <la somme des formes existant dans la langue est augmentée.> <Nous verrons que> les changements analogiques sont unificateurs et travaillent à l'encontre des <changements phonétiques>. Ils ne <leur> sont pas comparable quant à leur essence. (p. 55, R I).

A analogia é caracterizada pelo fato de que ela não produz uma forma totalmente nova, mas a analogia trabalha com o material já presente na *língua*. Com efeito, há uma circularidade na analogia ao contrário da fonética que representa uma horizontalidade, uma direção. Nessas condições a analogia parece ser antihistórica<sup>14</sup>: “Le changement <analogique> a le caractère d'une erreur historique, d'une faute contre la langue” (SAUSSURE, 1907: 57, R I). O mecanismo analógico funciona com uma constante comparação das formas:

C'est un drame à trois personnages :  
1. le type transmis <jusqu'alors>, héréditaire, légitime  
2. le concurrent  
3. un personnage collectif : les formes qui ont engendré le concurrent  
(SAUSSURE, 1907: 61, R I)

Mas ao mesmo tempo a analogia não produz uma forma completamente nova:

Dans cette formation il y a donc deux caractères : elle est une création et elle n'est pas une création : création au sens de combinaison nouvelle,

<sup>14</sup> Saussure fala da antihistoricidade da língua (cf. NORMAND, 2004) na ocasião do primeiro curso. Mas a primeira vez que esta afirmação aparece é no *Note Whitney*. Para uma leitura de *Note Whitney*, Ms. fr. 3951/10, cf. GAMBARARA, 2007.



pas création en ce sens qu'il faut que ces éléments soient déjà prêts, élaborés tels qu'ils se présenteront dans la forme nouvelle. (SAUSSURE, 1908: 60, R II).

A analogia trabalha com as formas antigas:

Les innovations de l'analogie sont plus apparentes que réelles. La langue et une robe couverte de rapiécages faits avec sa propre étoffe. (...) L'immense majorité des mots sont, d'une manière ou d'une autre, des combinaisons nouvelles d'éléments phoniques arrachés à des formes plus anciennes. Dans ce sens, on peut dire que l'analogie, précisément parce qu'elle utilise toujours la matière ancienne pour ses innovations, est éminemment conservatrice (CLG/D: 235-236).

Mas toda língua é representada pelo conjunto das formações analógicas :

Une langue quelconque à un moment quelconque n'est pas autre chose qu'un vaste enchevêtrement de formations analogiques, les unes absolument récentes, les autres remontant si haute qu'on ne peut que les deviner (ELG: 161)

ce ne sont pas des faits exceptionnelles et anecdotiques, ce ne sont pas des curiosités ou des anomalies, mais c'est la substance la plus claire du langage partout et à toute époque, c'est son histoire de tous les jours et de tous les temps:

*je treuve, nous trouvons, comme je meurs, nous mourons.*(ELG, p. 161)

Através da analogia nós podemos ver que o *sentimento* do falante é uma constante avaliação, uma constante comparação implícita da condição da língua durante o emprego da *fala* em relação com o falante mesmo e os outros falantes implicados nas situações do discurso. O falante não repousa sobre a *língua*, mas está sempre sendo colocado em confronto com ela e assim todas as trocas discursivas são contínuos atos metalingüísticos.

## A AVALIAÇÃO ATRAVÉS DO EMPREGO

Mas o que acontece primeiro: a mudança ou o sentimento? Há uma avaliação explícita das relações entre formas? É possível que tenhamos em primeiro lugar uma interpretação da situação e depois uma enunciação? Não, diz Saussure: “Tant que je ne fais qu'interpréter il n'y a pas fait d'analogie mais seulement possibilité” (SAUSSURE, 1908: 60 R). O sentimento do sujeito em relação a nova analogia entre formas não está

presente antes que haja um ato de fala concreto onde aparece uma formação analógica que produz uma nova configuração das relações entre as formas.

Então é possível que haja uma intenção na origem da *fala*? Mas isso não é uma solução possível:

En effet on fausserait toute la psychologie en présentant <l'analogie comme une> intention <des sujets parlants>. <L'analogie> suppose un oubli momentané de l'ancienne forme pour que la nouvelle surgisse, <il n'y a donc pas> opposition, modification. (-) Il faut <le serrer de plus près et dire que la création analogique est d'>ordre grammatical, c'est-à-dire que toute opération de ce genre suppose la conscience, <la compréhension> d'un rapport <de> formes <entre elles,> <ce> qui implique que l'on considère les formes conjointement aux idées qu'elles expriment (SAUSSURE, 1907: 64, R I).

Mas na realidade as mudanças são improvisadas, não há reflexão ou preparação particular:

Quand il s'agit de combiner des éléments non donnés comme mots, où la langue prend-elle ces éléments? Nous l'avons vu; nous avons abouti à conclure:

1. que le sentiment de ces éléments existe chez les sujets parlants dans une mesure quelconque, variable pour chaque langue;
2. que ce sentiment doit provenir d'une analyse intérieure, d'une opération de décomposition subconsciente sur le mot;
3. que cette analyse a pour unique moyen de se réaliser la comparaison entre mots analogues, la confrontation de séries diverses. La langue élimine alors tout ce qui est différent de sens et de forme et garde ce qui est pareil

Nous poserons formellement, cette fois-ci, que cette construction instantanée ne se fait que dans la parole (-). Il n'y a pas de préméditation et c'est après avoir été lancée dans la parole que la forme nouvelle se fixe dans la langue (SAUSSURE, 1907: 95, R I).

No que concerne ao primeiro ponto nós podemos dizer que o sentimento está sempre presente, mas não é uma quantidade, é uma possibilidade ainda não experimentada. O sentimento está sempre presente, mas como possibilidade de ser experimentado pelo sujeito, de se tornar fala, de ser uma configuração da consciência. O sentimento está presente, mas sem uma visibilidade constante – ele pode se manifestar no falante, mas é possível que ele não chegue a ser visível: é como alguma coisa que fica sempre em nossos ombros esperando que nós nos viremos. Para aquilo que diz respeito à análise interior, a *fala*, o meio através do qual se apresenta o sentimento, não

é um repetir mecânico, mas é sempre criativo. A análise interior, então, não é nada além da comparação entre as formas, nas relações entre diferenças. Mas esta comparação é feita na *fala*: quando eu falo eu comparo formas, eu afirmo diferenças, e eu nego aquilo que eu não disse.

Saussure falava da reflexão somente no *Essence double* quando fala explicitamente de pós-reflexão (cf. *ELG*: 87-88), onde o falante vai retornar sobre aquilo que ele faz. Quando a analogia está em movimento há uma combinação contínua entre determinado e indeterminado. Então a mudança lingüística é o momento crítico onde o sujeito falante durante um ato de fala tem a possibilidade de estar frente a uma nova forma. Durante o momento da mudança o falante sente o que está sempre em ato na língua: o *jogo dos signos* das formas da *língua* submetida à contínua mudança. Neste *turbilhão de formas*, o falante sente a justeza e a novidade do emprego de uma forma pela relação com a porção do sistema lingüístico que ele pode examinar. Com efeito, o falante saussuriano não tem a possibilidade de ter conhecimento de todas as relações do sistema lingüístico:

Quand nous disons que les sujets parlants pouvaient analyser undecim, cela ne peut avoir d'autre signification <il ne s'agit pas en effet d'analyser au moyen de dictionnaires étymologiques ou en recourant aux documents historiques de la langue!> que: ces sujets avaient dans la langue des mots concurrents comme *unus* et *decem* avec lesquels ils pouvaient comparer *un* et *decem* (SAUSSURE, 1907, RI: 48).

Para Saussure, então, a mudança é improvisada, não há premeditação. A mudança está no discursivo, através dos diversos atos de fala momentâneos. Se a mudança é improvisada e está na *fala*, então o sentimento é ou simultâneo ou posterior à *fala*. Mas é um primeiro nível de análise que faz deslocar a atenção do interior para o exterior: não mais uma forma nova que chega à consciência do falante, mas uma reorganização das formas já presentes<sup>15</sup>.

## ESTAR ABSOLUTAMENTE EM SEGURANÇA

Fora da percepção da mudança, o falante se serve da língua como se ela fosse todo o tempo a mesma, verdadeiramente possível. Para descrever esta situação de certeza do falante me parece útil pensar na argumentação de Wittgenstein em *Lecture*

<sup>15</sup> Da mesma forma nós consideramos que há uma diferença entre consciência e sentimento em Saussure.

*On Ethics* quando ele fala da “experience of feeling *absolutely safe*” (WITTGENSTEIN, 1965: 8). O falante não tem nenhuma dúvida a respeito da língua que ele utiliza todo o tempo: “To be safe essentially means that it is physically impossible that certain things should happen to me”. Mas a língua muda o tempo todo, ela não é jamais a mesma língua e a mudança nasce graças ao emprego da língua pelo falante. A condição do falante que pensa que a palavra “helicóptero” tem um laço com o helicóptero material e que essa palavra é sempre válida, é um absurdo, pertenceria a uma língua jamais utilizada “and therefore it’s nonsense to say that I am safe *whatever happens*” (WITTGENSTEIN, *ivi*). Pensar uma língua como sempre válida, é pensar a língua da mesma maneira que um corpo sólido. E então o instante da mudança parece ser o instante da crise do sistema, onde todo o sistema pode falir. Mas ao contrário a mudança e o emprego são a realidade constante da *língua*, que é tal porque ela é utilizada. Mas se uma *língua* é utilizada pelos falantes, então não é possível que ela fique a mesma *língua*. Para ter uma *língua* é necessário o emprego, o emprego comporta a mudança, e enfim uma *língua* implica necessariamente a mudança. O lugar criado pelos signos da língua é então propriamente o lugar da crise. A vida dos signos não está jamais numa regularidade, mas ao contrário, sempre numa condição de irregularidade e de possibilidade de mudança<sup>16</sup>. A natureza mutante da *língua* proíbe todas as possibilidades de constrição do signo. Mas ao mesmo tempo é justamente a infinita possibilidade de determinação, que produz a necessidade de uma constrição, de uma encarnação nos atos de fala singulares.

Os atos de *fala* são assim um ponto de referência – como um sinal para reencontrar a vida – mas precisamente porque qualquer coisa é dita, ela faz introduzir uma outra ocorrência possível para as variáveis do sistema.

Mas nesse sistema em movimento qual é a referência para estabelecer que uma forma seja justa? Eu penso que o falante trabalha em relação às formas lingüísticas com todas as conseqüências que a palavra “forma” tem com ele. O sentimento é o momento em que uma forma é considerada como determinada em si, onde o ser *absolutely safe* é evidente. O falante sente a justeza da forma, que a forma é esta forma e não uma outra forma: “That is to say: I see now that these nonsensical expressions were not nonsensical because I had not yet found the correct expressions, but that their nonsensicality was their very essence” (WITTGENSTEIN, 1965).

---

<sup>16</sup> Saussure no capítulo sobre *Immutabilité et mutabilité du signe linguistique* durante maio de 1911 (cf. C, p. 310 et sv.) explica a dependência entre a discontinuidade e a continuidade.

Mas como isso é possível?

O falante, do nosso ponto de vista, de um lado tem a crença ligada ao fato de que a *língua* é transmitida. E todas as línguas dos falantes são apreendidas. Então o ponto de partida para construir as analogias entre as formas e para ter o sentimento da língua é partir das formas apreendidas. Aliás, o sentimento é como uma espécie de deliberação, mas ele é sempre uma deliberação entre toda a massa falante, ou todas as pessoas presentes no ato de discurso. A sanção coletiva, com efeito, é indispensável para determinar uma mudança, mas ao mesmo tempo esta sanção não é explícita, nós não temos uma assembléia de especialistas para decidir sobre o destino da língua, mas ela se determina ainda uma vez através do emprego. Na *fala* o falante utiliza a língua coletiva para efetuar atos individuais sempre diferentes. Mas se temos o sentimento com o ato de fala e se “Toute innovation arrive par improvisation, en parlant, et pénètre de là soit dans le trésor intime de l’auditeur ou celui de l’orateur, mais se produit donc à propos du langage discursif” (*ELG*: 95), nesse caso o panorama interior dos falantes, aquilo que um homem pode sentir, é estruturado sobre as formas. As formas que são públicas e sociais. O interior é estruturado sobre o exterior e é somente graças às formas e à utilização das formas que há a possibilidade de experimentar um entendimento de nossa consciência da língua – e no mesmo nível somente em virtude da presença da língua há a possibilidade de uma espécie de autoconsciência. O sentimento da língua chega para o sujeito durante o ato de enunciação e depende dos deslizamentos das relações entre formas. Mas o sentimento está sempre presente na língua, ocorre que somente no momento da mudança ele é mais visível, como o sol durante o dia luminoso que não pode ser olhado diretamente pelo risco de ser ofuscado. Na iluminação do sentimento o falante vê o laço entre a língua e o sujeito, entre a indeterminação da infinidade das relações entre as formas e a possibilidade de determinação num ato de fala. Isso porque quando o falante sente que uma forma é mais justa, mais correta que uma outra forma, quando o falante sente que uma forma é justamente aquela forma e não outra, é como se nesse instante ele tivesse um ponto de vista privilegiado sobre a natureza da língua: ele se encontra frente a uma diferença.

## CORPO A CORPO OU OS LIMITES DA LINGUAGEM

A realidade da língua mesma e o panorama interior do sujeito falante que toma a fala são articuladas em relação às formas, sempre públicas, utilizadas pelo falante numa

estrutura diferencial e negativa como a da *língua*. Do mesmo modo, a forma do sentimento lingüístico do sujeito falante saussuriano é sempre construída partindo da essencial socialidade das línguas. O sentimento do sujeito falante de que um elemento é justo, correto, ou que ele é falso, é estruturado sobre a natureza mesma da língua, que para Saussure é sempre social: “1° Élément tacite, créant tout le reste; que la langue court entre les hommes, qu’elle est *sociale*” (ELG: 94). O sentir a língua pelo sujeito falante é: se debater contra o perpétuo jogo dos signos das formas lingüísticas engendradas pelo emprego da língua, pelo fato de que a língua é utilizada e que ela muda no tempo. O falante é chamado constantemente a um corpo-a-corpo com a língua. O sentimento é o de estar frente à língua e como diz Wittgenstein se debater contra os limites desta linguagem.

Tradução: Cristiane Dias e Marcos Barbai

#### Résumé

Cet article a pour but d'analyser le terme sentiment dans l'oeuvre de Saussure. Le sentiment c'est envisagé pour l'auteur comme celui-là qui fait des liaisons avec les énonciations concrètes du sujet parlant dans l'emploi et dans le confront avec la langue. Le sentiment de la langue c'est le travail du sujet parlant avec les jeux de détermination des formes linguistiques.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CONSTANTIN, E. *Linguistique générale. Cours de M. Le Professeur de Saussure*. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 58. Genève: Droz. (C), 2005 [2006], p. 79-288.
- ENGLER, R., Edition critique de Saussure, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Otto Harrasowitz: Wiesbaden, 1967/1974.
- GAMBARARA, D. Un texte original Présentation des textes de F. de Saussure. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 58. Genève: Droz, 2005a [2006], p. 29-42.
- \_\_\_\_\_. La mente collettiva – Per una lettura del terzo corso come teoria delle istituzioni sociali. In: *Forme di vita*, Roma: DeriveApprodi, 4/2005b, p. 165-181.
- \_\_\_\_\_. Ordre graphique et ordre théorique. Présentation du Ms fr. 3951/10 cahier Whitney. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 60, Genève : Droz, 2007 [2008], p. 237-280.
- GAUTIER, L. Entretien avec M. de Saussure, 6 Mai 1911. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 58. Genève: Droz. , 2005 [2006], p. 69-70.
- MEJIA, C. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 58, 2005[2006].

- NORMAND, C. *Saussure*. Paris: Les belles Lettres, 2004.
- PRIETO, L. *Saggi di semiotica. Volume II. Sull'arte e sul soggetto*. Parma: Pratiche Editore, 1991.
- RUSSO CARDONA, T. (2008). Sulla formativà del segno linguistico nello scritto saussuriano “De l’essence double du langage”. In: *La lezione di Saussure*. Roma: Carocci. 2008, p. 171-186.
- \_\_\_\_\_. Saussure et les quaternions : négativité, récursivité et incalculabilité dans “De l’essence double du langage”. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 61. Genève: Droz, 2008 (sous presse).
- \_\_\_\_\_. Forma, uso, gioco di segni (“De l’essence double du langage”). In: *Philosophie du langage et philosophie de l’esprit. Un voyage de Saussure en Italie*. 2008 (sous presse).
- SAUSSURE, F. de (1922). *Corso di linguistica generale*. Introduzione, traduzione e note di Tullio De Mauro. Roma-Bari: Laterza, 2001. (CLG/D)
- \_\_\_\_\_. (1922). *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 2005. (CLG/D)
- \_\_\_\_\_. (1957). *Introduction au deuxième cours de linguistique générale (1908-1909)*. Genève: Droz (trad. it. *Introduzione al secondo corso di linguistica generale (1908-1909)*). Roma: Ubaldini, 1970.
- \_\_\_\_\_. (1996). *Premier cours de linguistique générale (1907)*. Oxford-New York: Pergamon, 1907.
- \_\_\_\_\_. (1997). *Duèxième cours de linguistique générale (1908-1909)*. Oxford-New York: Pergamon, 1908-09.
- \_\_\_\_\_. *Écrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 2002. (ELG)
- \_\_\_\_\_. *Scritti di linguistica generale*. Introduzione, traduzione e note di Tullio De Mauro. Roma-Bari: Laterza, 2005. (SLG)
- VIRNO, P. *Quando il verbo si fa carne*. Torino: Bollati Boringhieri, 2003.
- WITTGENSTEIN, L. Lecture On Ethics. In: *The Philosophical Review*, Volume 74. 1965

---

Data de Recebimento: 13/01/2009  
Data de Aprovação: 27/03/2009

**Para citar essa obra:**

CHIDICHIMO, Alessandro. Saussure e o Sentimento: A Forma do Sentimento Lingüístico. RUA [online]. 2009, no. 15. Volume 1 - ISSN 1413-2109

Consultada no Portal Labeurb – *Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade*

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

**Laboratório de Estudos Urbanos – LABEORB**  
**Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI**  
**Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP**

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

**Endereço:**

Rua Caio Graco Prado, 70  
Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – Barão Geraldo  
13083-892 – Campinas-SP – Brasil

**Telefone/Fax:** (+55 19) 3521-7900

**Contato:** <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>